

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS – FAGEN
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

WALDEMAR ALVES DA SILVA NETO

**A POSIÇÃO DO BRASIL NO MERCADO GLOBAL DE SOJA E A DIVISÃO
INTERNACIONAL DO TRABALHO**

UBERLÂNDIA

2023

WALDEMAR ALVES DA SILVA NETO

**A POSIÇÃO DO BRASIL NO MERCADO GLOBAL DE SOJA E A DIVISÃO
INTERNACIONAL DO TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Gestão e Negócios - FAGEN da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaína Maria Bueno

UBERLÂNDIA

2023

WALDEMAR ALVES DA SILVA NETO

**A POSIÇÃO DO BRASIL NO MERCADO GLOBAL DE SOJA E A DIVISÃO
INTERNACIONAL DO TRABALHO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador Profa. Dra. Janaína Maria Bueno.

Uberlândia, 30 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Janaína Maria Bueno – Professora Orientadora – FAGEN/UFU

Prof. Dr. Carlos Roberto Domingues – FAGEN/UFU

Prof. Matheus Prudente Cançado – Doutorando – FAGEN/UFU

RESUMO

A soja, como uma das principais commodities agrícolas globais, desempenha um papel crucial na economia mundial. Apesar do Brasil liderar a produção e exportação desse grão, seu posicionamento no mercado é influenciado por desafios associados à Divisão Internacional do Trabalho (DIT). Este estudo propõe uma análise da posição do Brasil no mercado global de soja, destacando tanto os desafios enfrentados quanto as oportunidades para consolidar sua liderança. Fundamentado na teoria da DIT, a pesquisa explora as interações entre os países no mercado global de soja. Utilizando uma abordagem de pesquisa documental, o estudo se baseia em dados de produção mundial e brasileira de soja desde 2010, obtidos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). A relevância deste trabalho reside na necessidade de compreender os mecanismos e os impactos da DIT na participação do Brasil no mercado de soja, tema que será explorado detalhadamente nas seções subsequentes deste artigo.

Palavras-chave: Divisão Internacional do Trabalho, Brasil, Mercado Global de Soja, *Commodities*.

ABSTRACT

Soybean, as one of the key global agricultural commodities, plays a crucial role in the world economy. Despite Brazil leading in the production and export of this crop, its position in the market is influenced by challenges associated with the Division of International Labor (DIT). This study proposes an analysis of Brazil's position in the global soybean market, highlighting both the challenges faced and the opportunities to consolidate its leadership. Grounded in DIT theory, the research explores interactions among countries in the global soy market. Using a documentary research approach, the study relies on data on global and Brazilian soy production since 2010, obtained from the United States Department of Agriculture (USDA) and the Brazilian National Supply Company (CONAB). The relevance of this work lies in the need to understand the mechanisms and impacts of DIT on Brazil's participation in the soy market, a theme that will be explored in detail in the subsequent sections of this article.

Keywords: Division of International Labor, Brazil, Global Soybean Market, Commodities.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produtores de Grãos em 2020	8
Gráfico 2 – Produção Mundial de soja por safra (em milhões de toneladas).....	20
Gráfico 3 – Principais Produtores de Soja e Produção por safra (em milhões toneladas)	21
Gráfico 4 – Exportação mundial de soja (em milhões toneladas)	22
Gráfico 5 – Área plantada de soja no Brasil por safra (em mil Hectares).....	23
Gráfico 6 – Produção Brasileira de soja por safra (em milhões toneladas).....	24
Gráfico 7 – Evolução da área plantada no Brasil para as safras de 2010 a 2023 (mil hectares)	26
Gráfico 8 – Evolução da área plantada no Brasil por região (mil hectares).....	27
Gráfico 9 – Produção Brasileira de soja por região (mil toneladas).....	28
Gráfico 10 – Produção Brasileira de soja por região (mil toneladas).....	29
Gráfico 11 – Produção Brasileira de soja e Exportações (mil toneladas)	30

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Os Seis Maiores Produtores Mundial de Soja em 2023	16
Tabela 2 – Dados sobre a Produção e Oferta Mundial de 2010 a 2023	20
Tabela 3 – Dados sobre a Importação Mundial de 2019 a 2023	22
Tabela 4 – Dados sobre as safras de Soja no Brasil de 2010 a 2023	23
Tabela 5 – Produção Brasileira versus Produção Mundial	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. O mercado de <i>Commodities</i>	12
2.2. <i>Commodities</i> Agrícolas	14
2.2.1. Soja.....	15
2.3. Divisão Internacional do Trabalho.....	11
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	20
4.1. Dados relacionados a produção mundial de soja reportados pelo USDA.....	20
4.2. Dados de produção de soja no Brasil reportado pelo USDA.....	23
4.3. Dados de produção de soja no Brasil reportados pela Conab	25
4.4. O Brasil Como Principal Exportador De Soja no Mundo na DIT.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Em um cenário global onde as transações comerciais entre empresas de diferentes nações se desenrolam de maneira cada vez mais interconectada, tornou-se imperativo compreender a dinâmica dessa interação em um contexto mundial. Nesse sentido, emergiram pensamentos e teorias no âmbito da Sociologia Aplicada, que, ao incorporarem conceitos de Economia, Relações Internacionais e Administração, buscam explicar a natureza da interação entre países situados em diferentes localizações geopolíticas num mundo globalizado.

Dessa forma, surge o conceito de Divisão Internacional do Trabalho (DIT), que procura destacar as disparidades entre países centrais e periféricos no contexto do comércio global. Esse conceito oferece uma estrutura analítica para compreender as complexas relações econômicas e sociais que moldam a interdependência entre nações em um ambiente cada vez mais interligado.

A Divisão Internacional do Trabalho é um conceito econômico que foi desenvolvido ao longo do tempo embasado nos pensamentos de diferentes economistas e teóricos, e que busca elucidar o modo como ocorrem os processos produtivos entre países e regiões do mundo. O conceito da Divisão Internacional do Trabalho implica na necessidade de especialização econômica baseada em vantagens comparativas por parte dos países de modo a obter participação na integração mundial por meio do comércio internacional. Porém, essa integração traz consigo hierarquias e desigualdades de modo que categoriza os países como centrais, emergentes ou periféricos (PEREIRA, 2010).

As *commodities*, enquanto bens fundamentais de significado global, são produtos básicos, padronizados e que podem ser de origem agrícola, mineral ou energética negociadas e comercializadas em mercados globais, com preços determinados por dinâmicas de oferta e demanda em cadeia global (DUARTE, 2022). Deste modo, é possível analisar como se dá a dinâmica de comércio mundial de *commodities* e sua possível relação com a DIT.

O presente trabalho tem por objetivo compreender a posição do Brasil no mercado global de soja, buscando elencar desafios e oportunidades para o país se consolidar como um líder global. Como base teórica, serão utilizados conceitos acerca da DIT e como esta teoria possibilita a compreensão de como se dá a relação entre os países no mercado global de *commodities*, com enfoque no mercado de soja. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa documental, com levantamento de dados sobre a produção mundial e brasileira, desde o ano de 2010, extraídos do Departamento de Agricultura do Estados Unidos (USDA) e da Companhia

Nacional de Abastecimento (CONAB), órgão responsável por publicar os dados oficiais do governo brasileiro sobre as safras.

A justificativa deste trabalho reside na necessidade de compreender melhor o funcionamento e os impactos do mercado global de soja e da DIT na economia mundial. A abordagem qualitativa permite uma análise crítica e comparativa das fontes consultadas, incluindo notícias do mercado financeiro, possibilitando inferências e conclusões sobre a relação entre o mercado de *commodities* agrícolas e a DIT.

Para esse fim, este trabalho será dividido em cinco partes, sendo a primeira esta Introdução, a segunda é o referencial teórico da pesquisa abordando o funcionamento do mercado de *commodities*, com foco no mercado do grão de soja e a Divisão Internacional do Trabalho. Já a terceira parte é a descrição dos procedimentos metodológicos, enquanto a quarta parte é a apresentação e discussão dos dados e informações coletadas do USDA e da CONAB com informações das safras de soja e produção brasileira desde 2010, buscando elucidar a posição do Brasil no mercado internacional e a relação entre o mercado global de *commodities* e a DIT, destacando os aspectos positivos e negativos dessa relação para o Brasil no mercado do soja, buscando traçar oportunidades e desafios para o país se tornar líder neste mercado. Por fim, na quinta parte são apresentadas as considerações finais contendo as limitações da pesquisa e as sugestões para futuros trabalhos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Divisão Internacional do Trabalho

O conceito de Divisão Internacional do Trabalho (DIT) surge com base nos pensamentos de diversos economistas e descreve a alocação das forças produtivas e sua distribuição no mundo, considerando as vantagens comparativas e competitivas dos países, de modo a se ter uma integração dos mercados através do comércio internacional. Porém a DIT implica em uma hierarquia e desigualdade entre os países, classificando-os entre centrais, emergente e periféricos (PEREIRA, 2010).

Como pontuam OLIVEIRA e SILVA (2019):

[..] tal divisão potencializa as vantagens de cada país, sejam naturais ou artificiais, de modo a beneficiar uma produção com menores custos, atribuindo-lhe especificações. Ou seja, não separa os países somente entre ricos e pobres, mas a partir de suas estruturas, capacidades tecnológicas e particularidades produtivas. Representa, portanto, relações complexas no interior das economias de escala mundial, como pressões desencadeadas por fundos monetários, estágios industriais, geopolíticas macroeconômicas e relações de centro-periferia (OLIVEIRA e SILVA, 2019, p. 318).

Vale destacar que a DIT se desenvolve junto ao capitalismo comercial e ao colonialismo, com os países colonizadores explorando matérias-primas das então colônias, e concretizando esta como a primeira fase da Divisão Internacional do Trabalho. Já a segunda fase ocorre com o advento do capitalismo industrial, que é gerado pela Revolução Industrial (FRANCO, 2018).

Na segunda fase, os países industrializados começam a importar matérias-primas dos países não industrializados e a exportar produtos manufaturados para estes mesmos países. Já a terceira fase se caracteriza pela nova Divisão Internacional do Trabalho, que ocorreu com o avanço do capitalismo financeiro. Nesta fase, há globalização de mercados, conhecimentos e tecnologias, de modo que ocorra o processo de industrialização tardia de países da América Latina, África e Ásia (FRANCO, 2018).

Breda (2011) pontua a discussão acerca da segregação dos países tidos como centrais e os periféricos gerada pela Divisão Internacional do Trabalho. Esta divisão se refere a desigualdade e a hierarquia existente no mundo globalizado. Vale ressaltar que, no que é considerado periferia, o progresso técnico não se dá de maneira uniforme em todos os setores, tendendo a entrar primeiramente nos setores onde há necessidade de aumento de produtividade para atendimento de demanda dos centros industriais, o que configura o progresso técnico como um processo vinculado apenas às atividades inerentes ao setor exportador de alimentos e matérias-primas.

Há diferenças estruturais entre os países periféricos e centrais. A estrutura nos países que são considerados periféricos é especializada, devido suas vantagens competitivas geralmente em matérias-primas, e heterogêneas, visto a manutenção de sua estrutura arcaica mesmo frente a absorção de novas técnicas no setor exportador (CEPAL *apud* FRANCO, 2018). Por outro lado, os Estados centrais são tidos como mais sofisticados e são países com alto grau de desenvolvimento econômico, social, político e tecnológico. Deste modo, nos países centrais a estrutura se caracteriza por ser diversificada e homogênea, sendo que o progresso tecnológico está presente em diversos setores (FRANCO, 2018).

No que se refere à posição do Brasil na Divisão Internacional do Trabalho, é preciso destacar que o país faz parte da América Latina, com seu histórico de colonização e de inserção no mercado global, é considerada uma região periférica na DIT. Sobre o Brasil, Pereira (2010) pontua que:

Em que pese a condição ainda subordinada do país no que se refere à sua participação na divisão do trabalho (agora ainda mais internacionalizada), no decorrer do século XX o Brasil conhece um conjunto de transformações econômicas e sociais que lhe conferem status de uma das maiores economias do mundo (PEREIRA, 2010, p. 350).

Mesmo com as mudanças que ocorreram na DIT durante sua terceira fase, em que houve desenvolvimento tecnológico dos países periféricos e a liberalização do comércio internacional de bens físicos produzidos nestes países, há limitações da circulação livre de bens intangíveis, como informação e conhecimento. Regiões como a América Latina, por exemplo, enfrentam várias formas de dependência tecnológica em relação aos países centrais. Uma dessas formas é a adoção de tecnologia obsoleta e inadequada para a região, o que acaba por reforçar a dependência tecnológica (BREDA, 2010).

Além disso, as multinacionais dos países centrais possuem o monopólio das tecnologias mais avançadas, o que dificulta o desenvolvimento autônomo das capacidades produtivas da região. Essas multinacionais também transferem os custos das superproduções cíclicas para seus contratados e subcontratados latino-americanos, enquanto retêm a maior parte dos lucros. Isso resulta na produção de um excedente econômico na América Latina que é canalizado para as multinacionais dos países centrais, impedindo o desenvolvimento de uma tecnologia própria e adequada às necessidades dos povos da região (BREDA, 2010).

2.2. O mercado de *Commodities*

De acordo com o dicionário Oxford Languages (2023), *commodities* são:

Qualquer bem em estado bruto, geralmente de origem agropecuária ou de extração mineral ou vegetal, produzido em larga escala mundial e com características físicas

homogêneas, seja qual for a sua origem, geralmente destinado ao comércio externo (OXFORDLANGUAGES, 2023).

Isso implica dizer que, para uma mercadoria ser considerada uma *commodity*, essa não pode sofrer modificações na sua origem, sendo comercializada em larga escala em sua forma original, como matéria-prima (DUARTE, 2022). E o autor completa:

As *commodities* são divididas em quatro tipos; agrícolas: açúcar, arroz, feijão, suco de laranja, óleo e farinha de soja, trigo, café, milho, borracha, carne bovina e suína, algodão; ambientais: energia natural, água, madeira e créditos de carbono; financeira: títulos públicos emitidos pelos Governos Federais e moedas negociadas no mercado; minerais: ouro, petróleo, etanol, gás natural, minério de ferro, níquel, alumínio, prata, zinco e cobre (DUARTE, 2022, p.14).

As *commodities* podem ser provenientes de setores agrícolas, minerais e energéticos, como por exemplo o petróleo, o minério de ferro, o café, o milho e o soja. Elas são comercializadas em um mercado global com preços ditados por oferta e demanda. Há diversos fatores que influenciam esse mercado, tais como: a produção e o consumo dos países, as condições climáticas, as políticas governamentais, os conflitos geopolíticos, as expectativas dos agentes econômicos e as inovações tecnológicas, entre outros. Esses elementos podem gerar oscilações nos preços e na disponibilidade das *commodities*, afetando tanto os produtores quanto os consumidores (STONEX, 2022).

O mercado de *commodities* passou por um processo de evolução exponencial, onde atravessou por um estágio de crescimento e rentabilização em bolsas de mercadorias. As *commodities* são negociadas em bolsas especializadas, como a Bolsa de Chicago (CME Group), a Bolsa de Nova York (NYSE), a Bolsa de Londres (LME), a Bolsa de Xangai (SHFE), entre outras. Nessas bolsas, os contratos de compra e venda são padronizados, especificando a quantidade, a qualidade, o prazo e o local de entrega dos produtos. Os contratos podem ser do tipo spot (à vista) ou do tipo futuro (para data futura) (STONEX, 2022).

Para além de uma simples relação de oferta e demanda, devido ao desenvolvimento dos mercados de *commodities* e sua negociação em bolsas de valores, há uma correlação de fatores macroeconômicos para com os preços destes ativos. Como pontua Silva (2022):

[...] a conectividade entre as *commodities* passa a se intensificar conforme o mercado financeiro apresenta sucessivas evoluções. A conectividade entre uma commodity e outra, transcende a limitação de matérias primas próximas ou de mesma origem, substituições de consumo/produção, produtos precificados na mesma bolsa de mercadorias e produtos iguais listados em bolsas diferentes, e atinge um plano mais amplo das finanças, a interconectividade. A interconectividade, por sua vez, emerge de uma estrutura financeira global em que variáveis macroeconômicas influenciam os preços das *commodities* e o ritmo dos preços influencia a atividade econômica, tornando as economias constantemente conectadas e dependentes desses mercados e estes mais conectados à economia real e outros ativos financeiros através da financeirização (SILVA, 2022, p. 2).

Os contratos futuros de *commodities* são instrumentos financeiros que permitem às empresas negociadoras e aos produtores se protegerem das variações de preços, garantindo um valor fixo para a entrega futura dos produtos. Essa prática é chamada de *hedge* e é essencial para a gestão de riscos. Os investidores também utilizam os contratos futuros para especularem sobre as tendências de preços, buscando lucros com as diferenças entre os preços de compra e de venda dos contratos. Essa prática é chamada de *trading* e é motivada pela busca de oportunidades de ganho (STONEX, 2022).

Além disso, os contratos futuros abrem margem para a especulação financeira por parte de investidores. Desta forma, há dois modos de negociação de *commodities* distintos: o físico e o de contratos futuros, uma vez que “a não obrigação da entrega física das mercadorias confere expressiva liquidez aos mercados futuros, pois as partes podem entrar ou sair do mercado em qualquer tempo [...]” (ALVES, 2014, p. 21).

Sendo assim, para Hulls (2005, *apud* ALVES, 2014, p. 21), “os mercados futuros possuem basicamente três categorias de operadores: *hedgers*, especuladores e arbitradores.” Ou seja, os primeiros são os negociantes que realizam operações na bolsa para fixar preços no físico. Já os especuladores são investidores que buscam ganhos com a volatilidade no mercado, e os arbitradores seriam aqueles que “[...]tomam posições em dois ou mais instrumentos para aproveitar a diferença entre os mercados ou ativos para a realização de lucros”, segundo Amin (2003, *apud* ALVES, 2014, p.22).

Conforme aponta Silva (2022),

[...] o mercado de *commodities* está pautado na ampla relação entre preços futuros, especuladores e alocação dos preços de comercialização desses produtos nos mercados à vista. Os mercados futuros foram criados para evitar que externalidades influenciassem os preços e, conseqüentemente, a comercialização dos produtos, por meio de um contrato de compra e venda de certa quantidade dos mesmos (contratos que têm referências de preço e volume embutidas nas bolsas), por certo preço, em uma data futura de vencimento do contrato, mitigando assim os riscos entre as partes, comprador e vendedor (CHARI e CHRISTIANO *apud* DA SILVA, p.3).

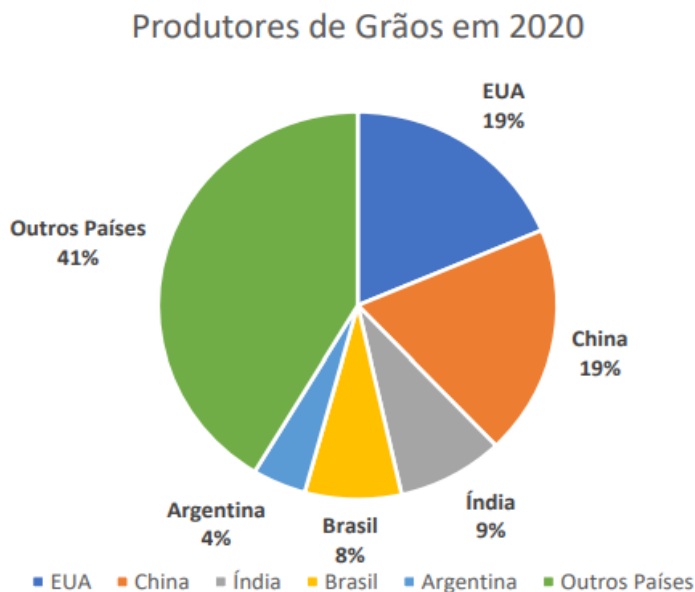
Compreender essa correlação entre o mercado físico e de futuros e compreender a bolsa em que cada *commodity* é negociada abre a possibilidade de questionamentos acerca da Divisão Internacional do Trabalho e a posição dos países agroexportadores como o Brasil, frente a bolsas mundiais.

2.3. *Commodities* Agrícolas

Dentre os diferentes tipos, as *commodities* agrícolas destacam-se por serem de natureza cíclicas, o que justifica o motivo destas mercadorias sofrerem influência de fatores climáticos,

mercadológicos e conjunturais, conforme Duarte (2022). Em 2020, o Brasil foi o quarto maior produtor de grãos do mundo, conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Produtores de Grãos em 2020



Fonte: Adaptado de Duarte (2022, p.16).

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) prevê que o Brasil deve ultrapassar a Índia e se tornar o terceiro maior produtor de grãos no mundo em 2023 (BRASIL, 2022). Deste modo, destaca-se a importância do país para o mercado global de *commodities*.

2.3.1. Soja

Dentre as diversas *commodities* agrícolas existentes, o soja se destaca como uma das mais importantes e negociadas globalmente, e sua relevância amplia à medida que o grão se torna componente de cada vez mais produtos. O consumo desta oleaginosa e de seus derivados, farelo e óleo, tem crescido globalmente, de modo que esta cultura se expandiu geograficamente, gerando uma dispersão na demanda, mesmo com a produção se mantendo concentrada em poucos países (CAMPEÃO; SANCHES; MACIEL, 2020).

Atualmente, o Brasil é o maior exportador mundial e, com uma safra recorde para safra 2022/2023, tornou-se o maior produtor de soja, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. As regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil são as principais áreas de cultivo da oleaginosa. Ao ser o principal exportador do grão, o país se insere no mercado global da *commodity* com parcerias comerciais com diversos países, principalmente a China (BRASIL, 2023a). A Tabela 1 ilustra os maiores produtores de soja para a safra ciclo 2022/2023.

Tabela 1- Os Seis Maiores Produtores Mundial de Soja em 2023

País	% da Produção Mundial	Produção safra 2023 em 1.000 toneladas
Brasil	42,00%	156.000
EUA	31,00%	116.377
Argentina	7,00%	25.000
China	5,00%	20.280
Índia	3,00%	12.038
Paraguai	2,00%	9.050

Fonte: Adaptada de USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023a).

De acordo com Rodrigues (2015), as *commodities* possuem importância ímpar na balança de exportação brasileira, sendo responsáveis por 65% do total das exportações do país. Além disso, o mercado de soja possui significativo impacto econômico, social e ambiental para o Brasil, sendo a principal *commodity* agrícola do país.

Embora o mercado de *commodities* apresente vários produtores, com livre entrada e saída de empresas e a livre circulação de informações, o mercado de soja é caracterizado por uma concentração entre quatro principais empresas: Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Louis Dreyfus Company (LDC). Deste modo, para compreender o funcionamento desta esfera de comércio, visto a uniformidade do produto, as análises são baseadas nas diferenças estratégicas entre os países produtores. Essas análises buscam identificar divergências na competitividade dos agentes econômicos no setor do agronegócio (CAMPEÃO; SANCHES; MACIEL, 2020).

Além de gerar emprego e renda, o mercado de soja contribui para o saldo da balança comercial, impulsiona cadeias produtivas como as de carnes e biocombustíveis e fomenta a pesquisa e a inovação tecnológica no setor agrícola. Contudo, desafios como a dependência do mercado externo, a vulnerabilidade às variações climáticas, a pressão sobre os recursos naturais, a concentração fundiária, a competição por terras, entre outros, são inerentes à cultura deste produto (CORREA, 2022).

Ao analisar a posição do Brasil à luz de variáveis como recursos naturais, mão de obra, nível tecnológico, mercado interno e fatores sistêmicos, apesar de o Brasil não apresentar altas taxas nos fatores de competitividade listados, como custo da mão de obra, qualidade da mão de obra e infraestrutura logística, o país se destaca em termos de tamanho, disponibilidade de áreas cultiváveis e potencial de crescimento, posicionando-se como um importante agente de mercado (CAMPEÃO; SANCHES; MACIEL, 2020).

Para a compreensão do mercado internacional de soja, é necessário compreender o processo de determinação do preço da soja. A precificação do grão engloba o preço da *commodity* na Bolsa de Chicago (CBOT), instituição cujos preços estabelecidos servem como referência global para as *commodities*, adição do prêmio ofertado, que é influenciado pela origem e destino da soja e, para o Brasil, a cotação de cambio Real / Dólar (SAFRAS E MERCADO, 2021).

Este método de precificação ilustra a complexidade e a interdependência dos mercados globais, ressaltando a relevância de fatores como as condições de mercado e as taxas de câmbio na formação dos preços das *commodities* agrícolas. Porém, ilustra a correlação entre países centrais e periféricos na Divisão Internacional do Trabalho, uma vez que a precificação tem por base uma bolsa de valores localizada em um país do eixo central da DIT.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho possui como procedimento técnico a Pesquisa Documental, com abordagem de pesquisa qualitativa. A pesquisa documental consiste em examinar e compreender o teor de documentos por meio de três etapas: análise preliminar, organização dos documentos e tratamento e consolidação dos dados. Deste modo, “em uma pesquisa científica que se realiza tendo como fonte de dados documentos diversos, três aspectos merecem atenção especial por parte do investigador: a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise (LIMA JUNIOR *et al.*, 2021).

Deste modo, a pesquisa documental foi utilizada para buscar compreender e responder ao problema de pesquisa: “Qual o papel do Brasil no mercado de soja e quais são os desafios e oportunidades para o Brasil se consolidar como um líder global na produção e exportação de soja?”. Para responder tal questão, a primeira fase da pesquisa consistiu na consolidação dos dados da base histórica das safras de soja que são reportados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Após a consolidação dos dados, foram elaborados tabelas e gráficos para facilitar a elaboração de um cenário que apresente a posição do Brasil no mercado global de soja, auxiliando no processo de análise.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (*United States Department of Agriculture – USDA*) é um órgão do governo estadunidense cuja responsabilidade é analisar dados e desenvolver políticas de apoio aos agricultores e pecuaristas, assim como promover o comércio de bens agrícolas dos Estados Unidos. O departamento publica uma série de relatórios e documentos que possibilitam o acompanhamento de safras e produções agrícolas (ESTADOS UNIDOS, 2023b). Além disso, o USDA possui escritórios no Brasil, visando o acompanhamento das safras de *commodities* agrícolas no país, além de prestar apoio a empresas estadunidenses que visam atuar no mercado brasileiro (ESTADOS UNIDOS, 2023c).

Deste modo, em seu site oficial, o USDA possui uma seção para publicação de diversos relatórios que apresentam números sobre as safras de diversas culturas, incluindo dados históricos e previsões para as próximas safras. Para a análise documental deste trabalho foram utilizados os relatórios localizados do tópico de oleaginosas da seção de relatório do site, cujo acesso é de domínio público. As informações coletadas foram imputadas em uma planilha para possibilitar análises e elaboração de gráficos para melhor compreensão dos dados.

O governo brasileiro, por sua vez, possui uma empresa estatal para acompanhamento de dados da agricultura que é a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Criada em 1990, a Conab possui como principais funções a promoção de segurança alimentar e nutricional,

o apoio a agricultura familiar, o gerenciamento de estoques públicos e o fornecimento de dados e informações técnicas ao Governo Federal (BRASIL, 2023b). Deste modo, a empresa presta um papel de suma importância para a compreensão e análise do Brasil no mercado global de soja.

No site oficial da Conab, na seção de Informações Agropecuárias é reportado dados sobre as safras de diversas culturas. Entre as várias informações, há uma seção de séries históricas que possui um relatório que traz a informação histórica das safras de soja desde a safra 1976/77 a safra de 2022/23, além de trazer previsões para a safra 2023/24 (BRASIL, 2023b).

Os dados das séries históricas de soja reportados pela Conab foram imputados em uma planilha que possibilitou a elaboração de tabelas e gráficos para análise e comparação dos números para com os reportados pelo USDA. Deste modo, com os dados organizados, se faz possível compreender a posição do Brasil no mercado internacional de soja.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Dados relacionados a produção mundial de soja reportados pelo USDA

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos aponta no Relatório de Oferta e Demanda Mundial dados sobre a área plantada de soja para as safras desde 2010 a 2023, além de uma previsão para safra de 2024. Além disso, o órgão oferece dados em mil toneladas sobre estoques, produção, importações e exportações mundiais, conforme pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2- Dados sobre a Produção e Oferta Mundial de 2010 a 2023

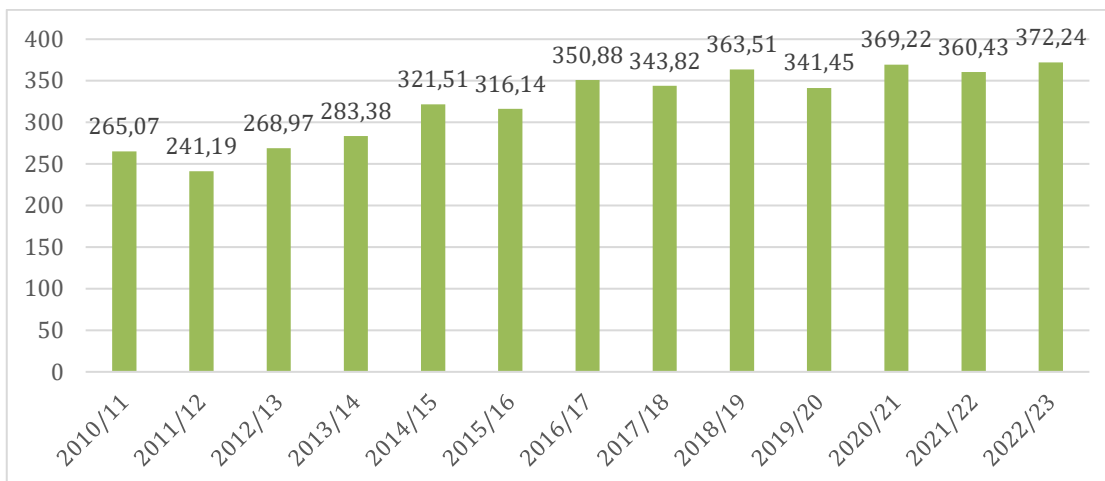
Safra	Área Plantada (milhões Hectares)	Estoques Iniciais (milhões Toneladas)	Produção (milhões Toneladas)	Importações (milhões Toneladas)	Oferta Total (milhões Toneladas)	Exportações (milhões Toneladas)	Esmague (milhões Toneladas)	Consumo Domestico (milhões Toneladas)	Estoques finais (milhões Toneladas)
2010/11	103,82	62,81	265,07	89,74	417,62	91,35	222,4	252,76	73,51
2011/12	103,04	73,51	241,19	94,66	409,36	91,83	229,39	259,47	58,06
2012/13	110,39	58,06	268,97	97,13	424,16	100,41	232,12	265,43	58,33
2013/14	113,22	58,33	283,38	113,32	455,03	112,8	243,32	278,37	63,86
2014/15	119,2	63,86	321,51	124,28	509,66	126,44	265,28	303,91	79,31
2015/16	120,91	79,31	316,14	133,9	529,35	132,84	275,83	316,96	79,55
2016/17	120,59	79,57	350,88	145,22	575,67	147,74	288,46	332,23	95,7
2017/18	125,27	95,7	343,82	154,15	593,68	153,4	295,66	340,28	100
2018/19	126,08	100	363,51	145,97	609,47	149,22	299,19	346,07	114,19
2019/20	123,57	114,19	341,45	165,29	620,93	165,82	312,66	359,96	95,15
2020/21	129,73	95,15	369,22	165,5	629,86	165,18	316,04	364,42	100,26
2021/22	131,45	100,26	360,43	155,58	616,28	154,25	314,5	363,97	98,06
2022/23	136,23	98,06	372,24	165,11	635,41	170,95	313,43	364,15	100,31
2023/24	139,05	100,31	400,42	165,75	666,48	168,29	329,47	383,68	114,51

Fonte: Adaptada de USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023e).

Conforme indicado na Tabela 2, observa-se uma tendência geral de crescimento na produção desse grão de 2010/11 a 2022/23. A projeção para a safra 2023/24, conforme relatado pelo USDA, indica uma continuação dessa tendência ascendente observada nos últimos anos. Além disso, a produção mundial de soja tem demonstrado um padrão de crescimento desde a safra 2010/11, conforme ilustrado no Gráfico 2.

Embora existam flutuações anuais, como a redução na produção mundial de 350,88 milhões de toneladas na safra 2016/17 para 343,82 milhões na safra 2017/18, a produção mundial aumentou aproximadamente 40% de 2010/11 a 2022/23, passando de 265,07 milhões de toneladas para 372,24 milhões. Esses dados destacam a resiliência e o crescimento contínuo do setor dessa commodity ao longo da última década.

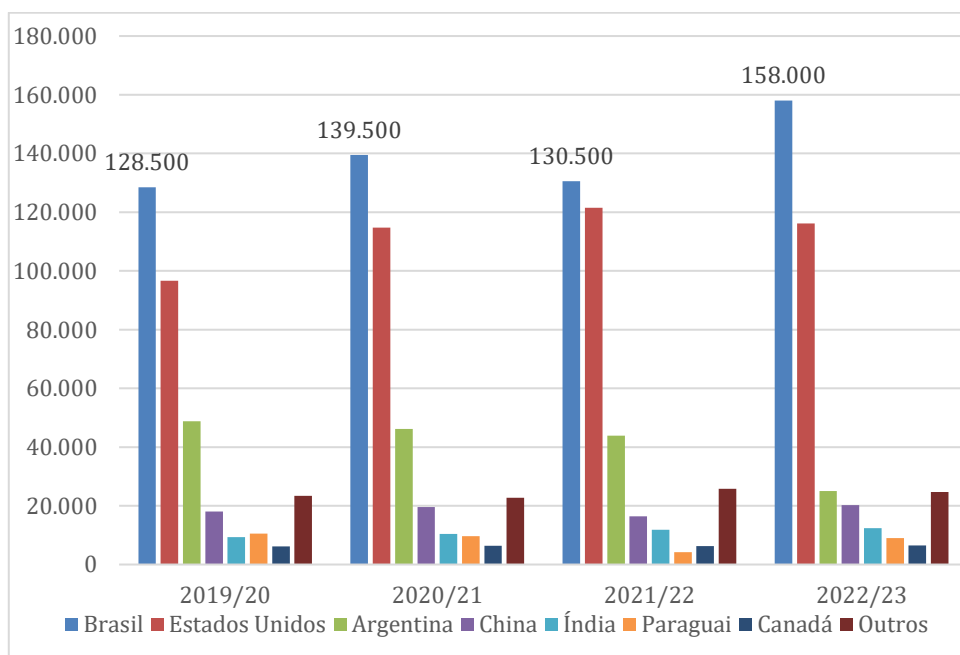
Gráfico 2- Produção Mundial de soja por safra (em milhões de toneladas)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023e).

Os maiores produtores de soja do mundo incluem Brasil, Estados Unidos, Argentina, China, Índia, Paraguai e Canadá. A produção desses países é apresentada no Gráfico 3, expressa em milhões de toneladas. Nas últimas quatro safras, o Brasil se destacou como o maior produtor mundial dessa oleaginosa, seguido de perto pelos Estados Unidos e Argentina. Esses dados ressaltam a importância desses países no cenário global da produção de soja.

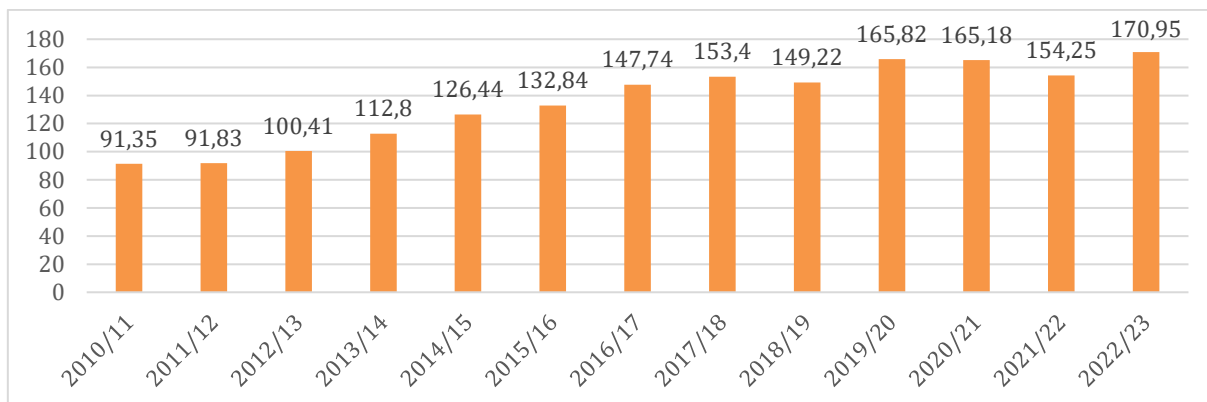
Gráfico 3- Principais Produtores de Soja e Produção por safra (em milhões toneladas)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023g).

O Gráfico 4 mostra um elevado crescimento, de 87%, no volume de soja exportado entre os países, desde a safra de 2010/11 até a safra de 2022/23. Isso destaca a crescente demanda global por esse grão. Os principais destinos das exportações da *commodity* em questão são a China, a União Europeia, o México e a Argentina.

Gráfico 4- Exportação mundial de soja (em milhões toneladas)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023e).

A China, em particular, tem um papel proeminente, importando cerca de 61% do volume total de soja exportado na safra de 2022/23, conforme detalhado na Tabela 3. Esses dados sublinham a importância dessa matéria prima no comércio global de *commodities* agrícolas.

Tabela 3- Dados sobre a Importação Mundial de 2019 a 2023

	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
China	98,532	99,74	90,501	100,846
União Europeia	15,017	14,786	14,549	13,35
México	5,743	6,101	5,956	6,442
Argentina	4,882	4,816	3,839	9,059
Tailândia	3,831	4,157	3,243	3,238
Japão	3,325	3,085	3,455	3,332
Turquia	3,148	2,745	2,949	2,888
Egito	4,956	3,687	4,63	2
Irã	1,46	1,894	2,674	2,65
Taiwan	2,708	2,615	2,622	2,7
Outros	21,692	21,869	21,164	18,602
Total	165,294	165,495	155,582	165,107

Fonte: Adaptada de USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023g)

4.2. Dados de produção de soja no Brasil reportado pelo USDA

Já para a produção brasileira, o relatório de Oferta e Demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos fornece uma visão detalhada da produção de soja no Brasil, conforme apresentado na Tabela 4. A tabela destaca o progresso notável do mercado desse grão nacionalmente, evidenciado pelo aumento na área plantada, bem como na produção e comercialização do grão. Esses aspectos serão explorados em maior profundidade nos gráficos a seguir, oferecendo uma análise mais aprofundada do crescimento contínuo do setor dessa commodity em terras nacionais.

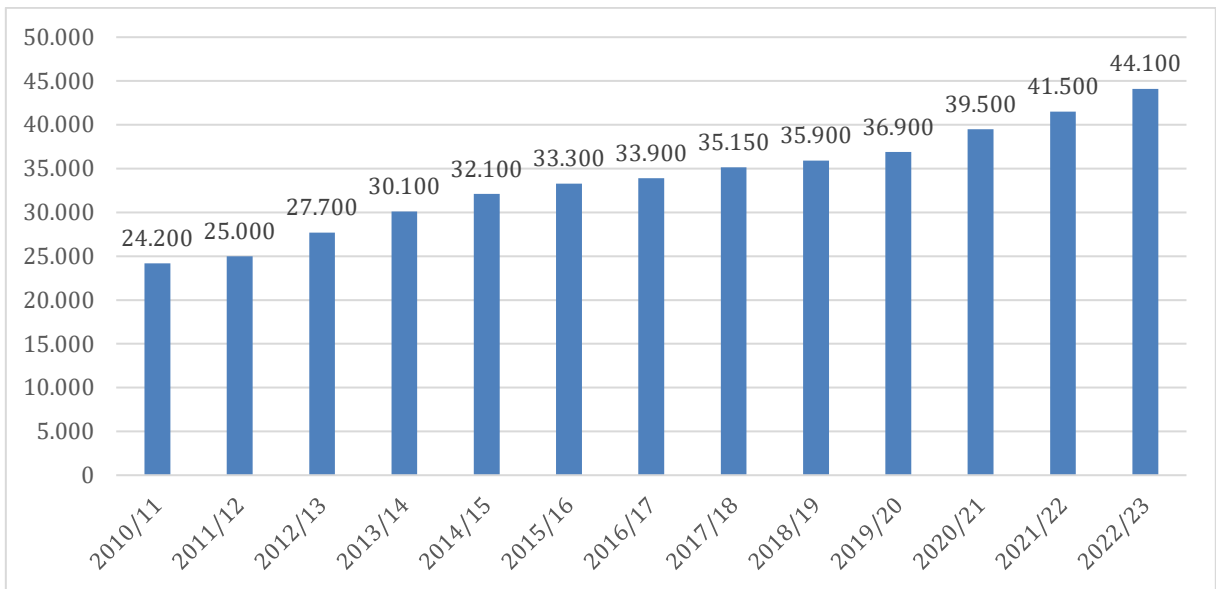
Tabela 4- Dados sobre as safras de Soja no Brasil de 2010 a 2023

Safra	Área Plantada (mil hectares)	Estoques Iniciais (mil toneladas)	Produção (mil toneladas)	Importações (mil toneladas)	Oferta Total (mil toneladas)	Exportações (mil toneladas)	Esmague (mil toneladas)	Consumo Domestico (mil toneladas)	Estoques finais (mil toneladas)
2010/11	24.200	7.739	75.300	40	83.079	33.789	37.264	39.664	9.626
2011/12	25.000	9.626	66.500	298	76.424	31.905	36.230	38.630	5.889
2012/13	27.700	5.889	82.000	240	88.129	42.826	36.432	38.807	6.496
2013/14	30.100	6.496	86.200	579	93.275	45.747	38.195	40.745	6.783
2014/15	32.100	6.783	97.100	329	104.212	54.635	40.339	42.989	6.588
2015/16	33.300	6.588	95.700	362	102.650	52.099	39.967	42.642	7.909
2016/17	33.900	7.909	114.900	267	123.076	68.806	42.161	44.936	9.334
2017/18	35.150	9.334	123.400	190	132.924	83.728	43.389	46.224	2.972
2018/19	35.900	2.972	120.500	145	123.617	73.436	43.495	46.410	3.771
2019/20	36.900	3.771	128.500	884	133.155	81.626	46.461	49.556	1.973
2020/21	39.500	1.973	139.500	791	142.264	88.512	48.121	51.326	2.426
2021/22	41.500	2.426	130.500	416	133.342	77.118	51.196	54.441	1.783
2022/23	44.100	1.783	158.000	200	159.983	100.000	53.700	57.500	2.483

Fonte: Adaptada de USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023d).

Ao analisar os dados fornecidos pelo USDA, é notório que a área cultivada com soja no Brasil tem crescido consistentemente ano após ano desde 2010. Como ilustrado no Gráfico 5, observa-se um aumento de 82% na área cultivada em hectares entre 2010 e 2023. Este crescimento não só demonstra a expansão dessa matéria prima como cultura agrícola no Brasil, mas também tem um impacto direto nos números de produção, comercialização e estoques. Isso sublinha a importância do soja como um motor chave para a economia agrícola brasileira.

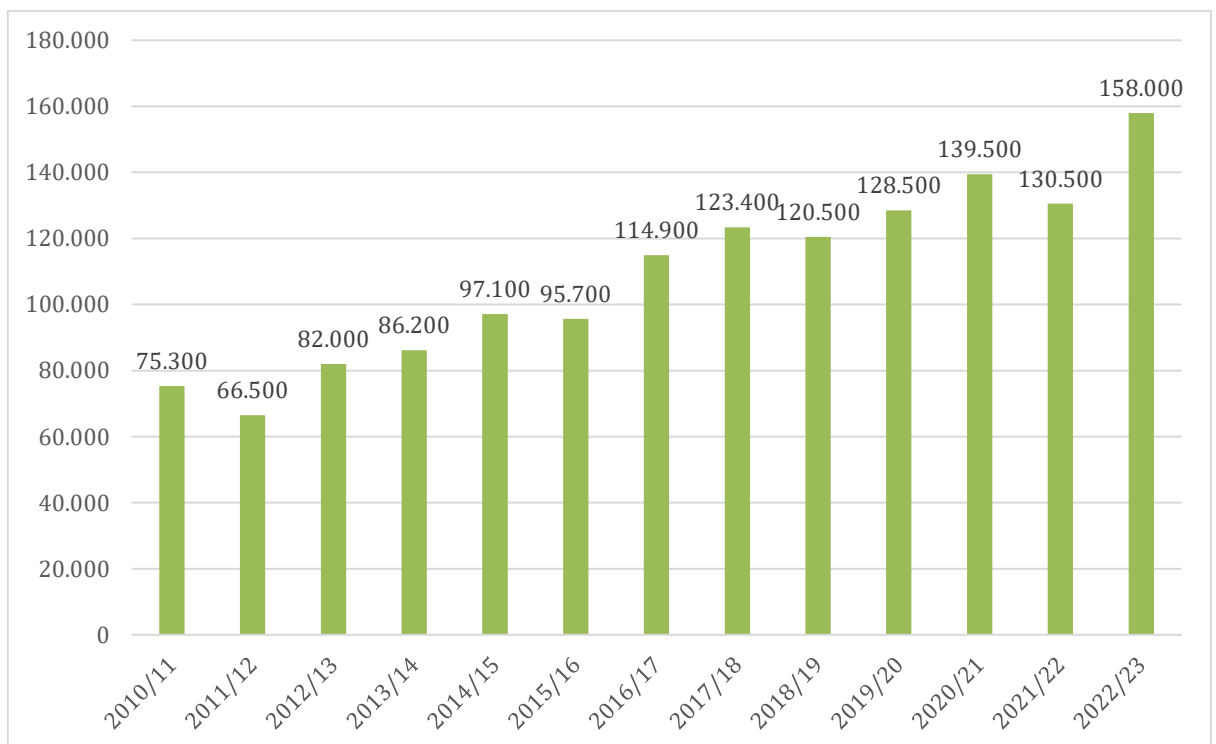
Gráfico 5- Área plantada de soja no Brasil por safra (em mil Hectares)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023d).

Sobre a produção de soja no Brasil, os dados do USDA revelam um crescimento de, aproximadamente, 110% entre 2010 e 2023. Na safra de 2010/11, o Brasil produziu 75,3 milhões de toneladas de soja, enquanto na safra de 2022/23, a produção aumentou para 158 milhões de toneladas, conforme ilustrado no Gráfico 6.

Gráfico 6- Produção Brasileira de soja por safra (em milhões toneladas)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados do USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023d)

Ao analisar mais detalhadamente os últimos cinco anos (de 2018 a 2023), observa-se um aumento de 28% na produção de soja. A taxa média de crescimento ao longo dos últimos 13 anos foi de 6,62% ao ano, embora tenha havido alguns anos de redução na produção. Esses números destacam a resiliência e o crescimento contínuo do setor de soja no Brasil.

Os dados do USDA demonstram crescimento na participação do Brasil na produção mundial de soja, conforme apresentado na Tabela 5, com a porcentagem da produção brasileira com relação à produção mundial ao longo dos anos. Na safra mais recente de 2022/23, o Brasil alcançou a marca expressiva de 42,45% da produção mundial de soja. Esses números apontam para o papel cada vez mais importante que o Brasil desempenha na produção global de soja.

Tabela 5- Produção Brasileira versus Produção Mundial

Safra	Produção Brasileira (mil toneladas)	Produção Mundial (mil toneladas)	% Produção Brasileira vs Produção Mundial
2010/11	75.300	265.070	28,41%
2011/12	66.500	241.190	27,57%
2012/13	82.000	268.970	30,49%
2013/14	86.200	283.380	30,42%
2014/15	97.100	321.510	30,20%
2015/16	95.700	316.140	30,27%
2016/17	114.900	350.880	32,75%
2017/18	123.400	343.820	35,89%
2018/19	120.500	363.510	33,15%
2019/20	128.500	341.450	37,63%
2020/21	139.500	369.220	37,78%
2021/22	130.500	360.430	36,21%
2022/23	158.000	372.240	42,45%

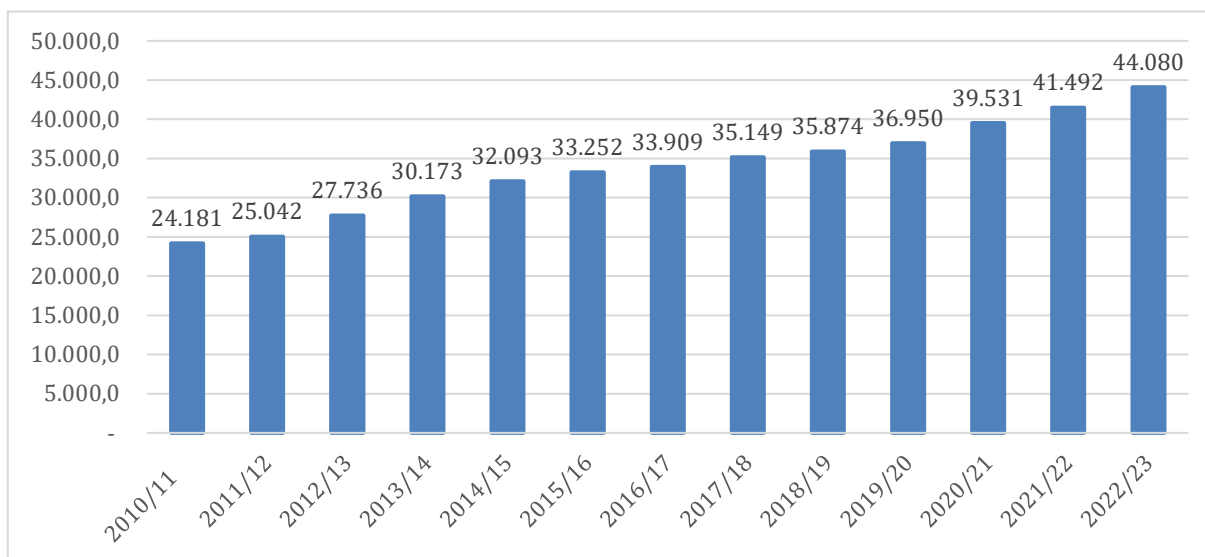
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do USDA (ESTADOS UNIDOS, 2023d)

4.3. Dados de produção de soja no Brasil reportados pela Conab

Contrastando com os dados reportados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a Companhia Brasileira de Abastecimento (CONAB) oferece uma perspectiva diferente sobre as safras brasileiras de soja. Nesta seção, serão explorados os dados da Conab para as safras de 2010 a 2023, com um foco especial na área plantada, na produção e na distribuição regional do soja no Brasil. Essa análise permite uma melhor compreensão da dinâmica da produção de soja no Brasil a partir de uma perspectiva interna.

Conforme Gráfico 7, há uma tendência de crescimento na área plantada de soja no Brasil. No ano de 2010/11, a extensão dessa área era de 24.181,0 hectares. No ano seguinte, 2011/12, observou-se um ligeiro aumento, alcançando 25.042,2 hectares. A partir de 2012/13, o crescimento tornou-se mais acentuado, com a área plantada expandindo para 27.736,1 hectares. Essa tendência de crescimento persistiu até 2022/23, quando a área plantada atingiu seu pico de 44.079,8 hectares.

Gráfico 7- Evolução da área plantada no Brasil para as safras de 2010 a 2023 (mil hectares)



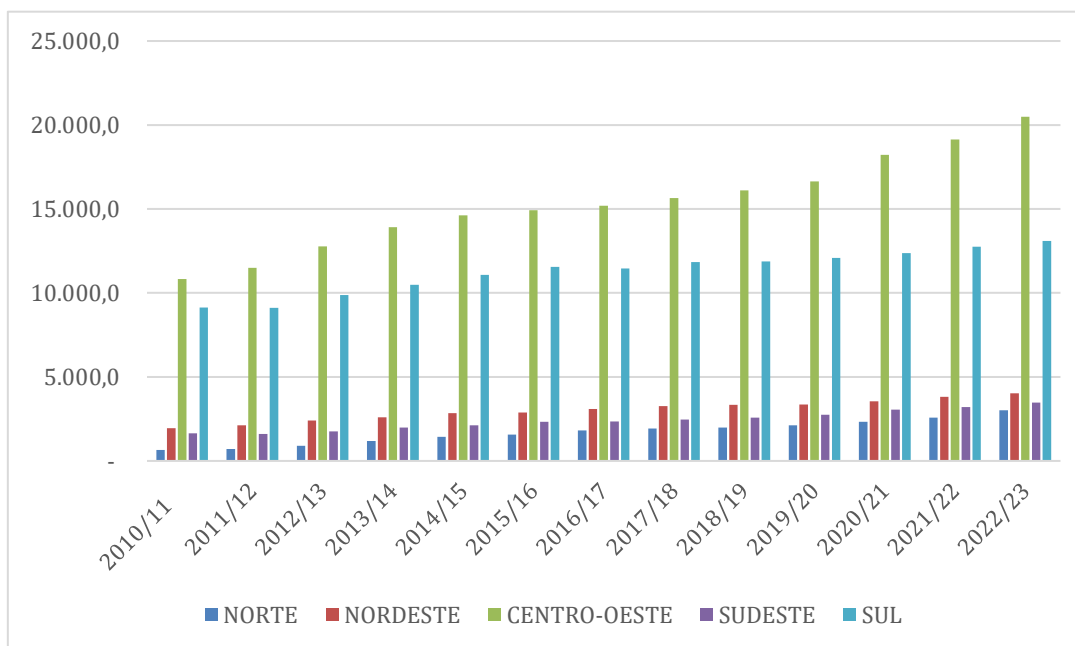
Fonte: Elaboração própria utilizando dados da Conab (BRASIL, 2023b)

Assim, ao longo de um período de 12 anos, de 2010/11 a 2022/23, a área plantada de soja no Brasil registrou um aumento de quase 20.000,0 hectares. Esse incremento sinaliza um avanço expressivo na produção de soja no país.

Com base nos dados da Conab apresentados no Gráfico 8, ao analisar o avanço da área plantada por região do Brasil, verifica-se que há tendência de expansão da área plantada de soja ao longo de 12 anos. Na Região Norte, a área cultivada saltou de 645,5 hectares em 2010/11 para impressionantes 3.010,5 hectares em 2022/23, um aumento superior a 350%. A Região Nordeste também apresentou um crescimento robusto, superando os 100%, com a área plantada de soja expandindo de 1.945,7 hectares para 4.018,9 hectares no mesmo período. Por outro lado, na Região Centro-Oeste houve a maior expansão em termos absolutos, com a área plantada quase duplicando de 10.819,4 hectares para 20.494,5 hectares. As Regiões Sudeste e Sul, embora com aumentos menos acentuados, também registraram crescimentos consideráveis, mais que dobrando e registrando um aumento de quase 50%, respectivamente. Em resumo, os dados apontam para um crescimento consistente na área plantada de soja em

todas as regiões do Brasil durante o período analisado, com a Região Norte liderando em termos percentuais e a Região Centro-Oeste em termos absolutos. Essa análise oferece uma visão valiosa das tendências de produção de soja no Brasil.

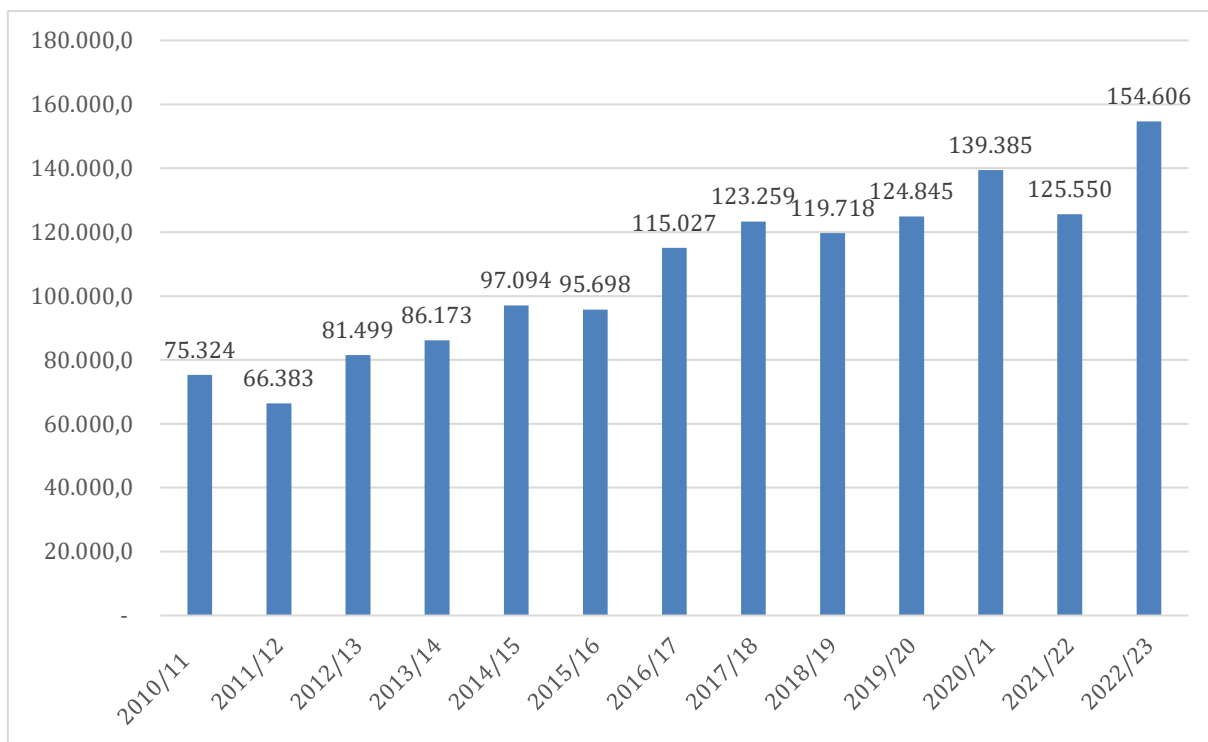
Gráfico 8- Evolução da área plantada no Brasil por região (mil hectares)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados da Conab (BRASIL, 2023b).

O Gráfico 9 revela uma evolução na produção de soja no Brasil ao longo da série histórica fornecida pela Conab (BRASIL, 2023b). Em 2010/11, a produção registrava 75.324,300 mil toneladas, experimentando uma diminuição para 66.383,000 mil toneladas no ano subsequente (2011/12). A partir de 2012/13, observa-se uma tendência de aumento que culmina na safra recorde com produção de 154.605,900 mil toneladas em 2022/23. Durante esse intervalo de 12 anos, a produção de soja no Brasil teve crescimento de quase 80.000,000 mil toneladas. Esses dados possibilitam a compreensão do cenário de produção de soja no país, contribuindo para o entendimento das tendências e impactos desse setor crucial.

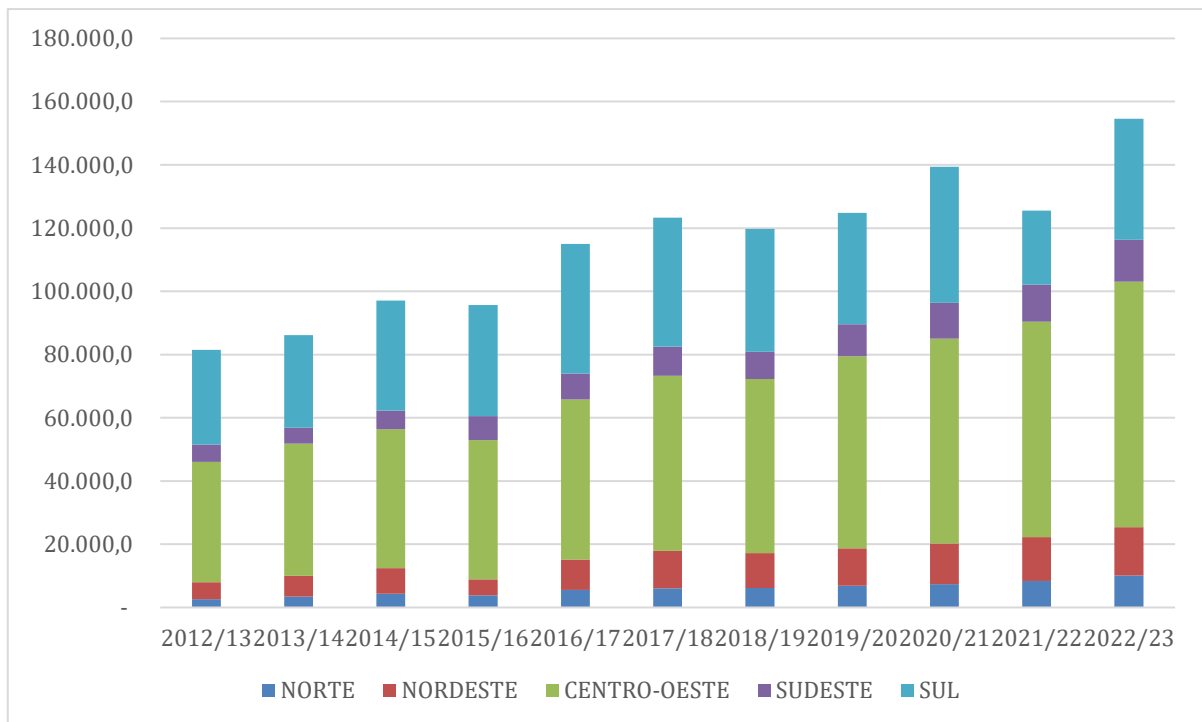
Gráfico 9 – Produção Brasileira de soja por região (mil toneladas)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados da Conab (BRASIL, 2023b).

Por outro lado, a avaliação dos dados de produção de soja da Conab separados por região do país, conforme Gráfico 10, traz um aumento da produção para todas as regiões. Na Região Norte, a produção saltou de 1.977,2 mil toneladas em 2010/11 para impressionantes 10.153,4 mil toneladas em 2022/23, um aumento superior a 400%. A Região Nordeste também apresentou um crescimento robusto, superando os 140%, com a produção de soja expandindo de 6.251,5 mil toneladas para 15.209,6 mil toneladas no mesmo período. Já na Região Centro-Oeste a produção quase duplicou, saindo de 33.938,9 mil toneladas em 2010 para 77.708,2 mil toneladas em 2023.

Gráfico 10 – Produção Brasileira de soja por região (mil toneladas)



Fonte: Elaboração própria utilizando dados da Conab (BRASIL, 2023b)

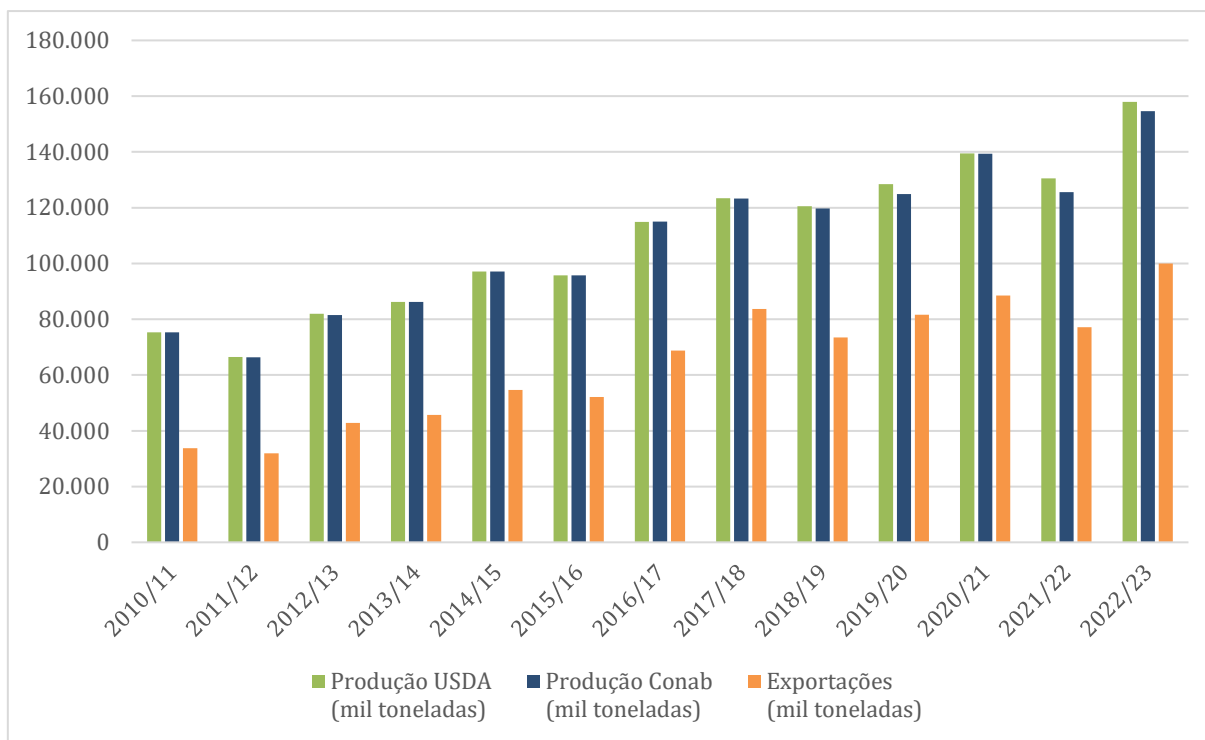
Conforme o Gráfico 10, as Regiões Sudeste e Sul apresentaram aumentos menos acentuados, mas também registraram crescimentos consideráveis. Ou seja, de um modo geral, os dados apontam para um crescimento consistente na produção de soja em todas as regiões do Brasil durante o período analisado.

4.4. O Brasil Como Principal Exportador De Soja no Mundo na DIT

Visto os números de produção das safras brasileiras de soja desde 2010 fornecidos tanto pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos quanto pela Companhia Brasileira de Abastecimento, O Brasil, o maior produtor e exportador global de soja, encontra-se em uma posição intrigante no mercado global dessa *commodity*, dependendo fortemente dos Estados Unidos para a determinação dos preços. No entanto, há algumas diferenças entre os números reportados pelos dois departamentos.

De acordo com os dados do USDA, a produção de soja no Brasil aumentou de 75.300 mil toneladas em 2010/11 para 158.000 mil toneladas em 2022/23. Por outro lado, os dados da Conab mostram que a produção de soja no Brasil aumentou de 75.324,3 mil toneladas em 2010/11 para 154.605,9 mil toneladas em 2022/23, como elucidado no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Produção Brasileira de soja e Exportações (mil toneladas)



Fonte: Elaboração própria

Embora os Estados Unidos continuem a produzir e exportar mais soja a cada ano, o ritmo de crescimento da produção e das exportações é muito menor do que o do Brasil. Há algumas décadas, os Estados Unidos eram responsáveis por cerca de 80% de todas as exportações mundiais de soja. No entanto, no ano agrícola de 2019/2020, os EUA representaram apenas cerca de 29% das exportações globais de soja, enquanto o Brasil representou 37%. Portanto, embora ambos os países estejam aumentando suas exportações, o Brasil está conquistando uma parcela maior do mercado global de exportação (COUGHLIN, 2023).

A demanda global continua a crescer, especialmente na China, e esse crescimento provavelmente permitirá que ambos os países continuem a expandir a produção. Isso é facilitado pelo fato de que os ciclos de produção dos Estados Unidos e do Brasil são escalonados ao longo do ano - o Brasil geralmente colhe soja em março, enquanto os Estados Unidos colhem em outubro e novembro (COUGHLIN, 2023).

Portanto, o Brasil tende a suprir a demanda chinesa de soja de março a outubro, e os Estados Unidos exportam soja para a China de outubro a março. Além disso, a relação de preços entre a soja dos EUA e o soja brasileira geralmente é estável. No entanto, em tempos de

interrupção, como durante a guerra comercial entre EUA e China que começou em 2018, a relação entre os preços da soja dos EUA e do Brasil se desfaz (COUGHLIN, 2023).

Ambos os países têm se destacado como produtores e exportadores de soja de alto desempenho, sendo os principais atores do mercado. Porém, mesmo a competitividade do Brasil sendo em grande parte devido às suas vantagens comparativas em termos de condições naturais, que são superiores às de outros países produtores de soja, há necessidade de investimentos que quebrem o ciclo da DIT, que o coloca como apenas um país agroexportador (BREDA, 2010).

Vale destacar que por ser um país da América Latina, região essencialmente periférica na Divisão Internacional do trabalho, a busca do Brasil a liderança no mercado fica limitada frente aos Estados Unidos, que são o principal concorrente para o Brasil neste mercado e que faz parte do eixo central na Divisão Internacional do trabalho. Deste modo, o contínuo investimento no setor através de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, bem como do aumento de áreas de plantio, sempre equilibrando questões ambientais e sociais, é essencial para que o país consiga atingir a liderança no mercado e para garantir um bom desempenho baseado não apenas em vantagens comparativas devido à condições naturais, mas também em fatores como qualidade, infraestrutura logística, restrições tributárias e financeiras (CAMPEÃO; SANCHES; MACIEL, 2020). Desta maneira, pode haver uma ruptura com a lógica segregacionista da DIT.

Porém, mesmo com os números do USDA e Conab evidenciando o Brasil como principal ator no mercado de soja, a precificação da soja brasileira é amplamente influenciada pela Bolsa de Chicago (CBOT) e pelo dólar. Como apontado anteriormente, a CBOT, uma das principais bolsas de *commodities* do mundo, é o epicentro das negociações de contratos futuros de soja, cujos preços estabelecem uma referência global (PROGRAIN, 2023) Visto a importância dos futuros de soja para precificação do mercado físico, e que a bolsa utilizada mundialmente para esta *commodity* está localizada nos Estados Unidos, um país de centro, temos que, apesar de sua posição dominante na produção global de soja, o Brasil tem sua capacidade de influenciar os preços limitada, reforçando sua posição como país periférico na Divisão Internacional do Trabalho (DIT).

A correlação entre o mercado físico e de futuros e compreender a bolsa em que cada *commodity* é negociada abre a possibilidade de questionamentos acerca da Divisão Internacional do Trabalho e a posição dos países agroexportadores como o Brasil, frente a bolsas mundiais.

A economia brasileira há décadas tem sido pautada por investimentos em atividades ligadas ao setor primário, voltadas para a produção de produtos básicos para o mercado

internacional como *Commodities* Agrícolas. No entanto, essa orientação econômica desestimula o desenvolvimento de capacidades científicas e tecnológicas, fazendo com que na Divisão Internacional do Trabalho sejamos cada vez mais reconhecidos como país exportador de matérias primas do que de tecnologias e produtos manufaturados (OLIVEIRA; SILVA, 2019).

Essa dinâmica ressalta a assimetria inerente ao comércio global, onde os países periféricos, como o Brasil, são vulneráveis às flutuações de preços determinadas pelos países centrais. No entanto, essa dinâmica está em constante evolução. Com o crescimento da China como um grande importador de soja, o Brasil está ganhando cada vez mais influência no mercado global de soja.

Em suma, a despeito de sua grande produção, o Brasil mantém uma dependência dos Estados Unidos para a precificação da soja, sublinhando a complexidade e a interdependência inerentes ao comércio global de *commodities*, cuja raiz está na Divisão Internacional do Trabalho. Entretanto, com as transformações em curso no mercado global, o papel do Brasil pode continuar a evoluir no futuro, quebrando a lógica de se portar como um país agroexportador.

Ainda, conforme destacado anteriormente, mesmo que o mercado de *commodities* apresente características de um mercado de livre entrada e concorrência, o que possibilitaria a inserção de novos atores no cenário global. O mercado de soja é concentrado nas mãos das empresas multinacionais Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Louis Dreyfus Company (LDC), cuja origem são países centrais na Divisão Internacional do Trabalho (CAMPEÃO; SANCHES; MACIEL, 2020).

Mesmo com as limitações de ser um país periférico, por estar inserido na América Latina, o Brasil pode se tornar líder no mercado de soja através do comércio com outros países também tidos periféricos e que estão entre os principais importadores do mundo, como China, México e Argentina, por exemplo (ESTADOS UNIDOS, 2023g). Porém, faz-se necessário compreender que para quebrar o ciclo país central versus periférico e sua dependência para precificação para com os Estados Unidos, faz-se necessário investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) para que o país saia da dinâmica agroexportadora e comece a produção de capital intelectual, que está na base da segregação da nova DIT (PEREIRA, 2010).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base a correlação entre o mercado físico e de futuros para a precificação de *commodities* e compreendendo a bolsa em que os futuros de soja são negociados, foi possível posicionar o Brasil no mercado global de soja frente à Divisão Internacional do Trabalho. Uma vez que, apesar de ser o maior produtor e exportador de soja do mundo, o Brasil ainda depende dos Estados Unidos para precificar seu produto.

Além disso, é crucial ressaltar a participação ativa de empresas estrangeiras no setor agrícola brasileiro, especialmente como os principais protagonistas no mercado de soja do país. Mesmo sendo o maior produtor e exportador mundial desse grão, uma considerável parcela do capital financeiro gerado acaba sendo direcionada para países centrais, como os Estados Unidos.

Vale destacar também a influência significativa dos Estados Unidos no mercado, manifestada através dos relatórios divulgados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que introduzem volatilidade no cenário. Assim, além de possuir os instrumentos de precificação da soja, os EUA têm a capacidade de impactar essa precificação por meio de seus relatórios, levantando a seguinte indagação: A quem beneficia essa volatilidade induzida pelos relatórios do USDA, considerando que o principal protagonista no mercado (Cargill) é uma empresa norte-americana? esse questionamento adquire relevância significativa, uma vez que surge uma disparidade entre os dados reportados pelo USDA e as estatísticas apresentadas por órgãos governamentais oficiais de outros países, como a Conab, por exemplo. Essa discordância nos números levanta dúvidas sobre a precisão e a transparência das informações, suscitando a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre os reais impactos dessas discrepâncias nos mercados globais de soja.

Além dos desafios inerentes a cultura de soja, como a dependência do mercado externo, a vulnerabilidade às variações climáticas e a pressão sobre os recursos naturais, o Brasil enfrenta desafios geopolíticos para aumentar sua participação no mercado de soja. Como um país periférico na dinâmica global, ele fica limitado a ser um país agroexportador. Mesmo que passe por investimentos em industrialização e modernização, sua tecnologia pode permanecer obsoleta em comparação com a tecnologia dos países centrais.

Portanto, para assumir papel de liderança no mercado de soja e exercer cada vez mais influência, o Brasil enfrenta desafios gerados pela Divisão Internacional do Trabalho e desafios gerados pela construção histórica dos instrumentos de precificação utilizados no mercado. No entanto, é importante ressaltar que esses desafios não são intransponíveis. Com investimentos contínuos em pesquisa e desenvolvimento, o Brasil tem o potencial de superar essas barreiras e

se estabelecer como um líder no mercado global de soja, podendo assim quebrar o ciclo da DIT e romper com a dependência a países centrais. Além disso, o país pode buscar estratégias para diversificar seus mercados de exportação e reduzir sua dependência dos Estados Unidos para a precificação de seu produto.

Ademais, este trabalho apresenta algumas limitações a serem consideradas, como. Primeiramente, o baixo número de trabalhos científicos que abordam os temas do mercado global de soja e da Divisão Internacional do Trabalho de forma integrada, o que pode ter limitado a capacidade de realizar uma análise mais abrangente e interdisciplinar das correlações destes dois temas.

Além disso, o formato de um artigo científico impõe suas próprias restrições, dado o espaço limitado e a necessidade de foco em um recorte específico, o que pode impedir um trabalho mais aprofundado sobre certos aspectos. Também é importante lembrar que a metodologia de análise documental utilizada neste trabalho tem suas próprias limitações. As divergências nos números fornecidos por fontes secundárias como USDA e Conab são um ponto de atenção, visto que cada órgão possui sua metodologia para coleta e tratamento de dados, e a variação na interpretação destes dados pode impactar na análise final destes documentos.

Sendo assim, alguns temas podem ter sido abordado superficialmente visando atingir o objetivo do trabalho, mas que abre brechas para pesquisas futuras como a relação países de centro e periféricos frente ao mercado financeiro para *commodities* agrícolas, ou uma análise da participação de grandes empresas no mercado e como empresas de países periféricos podem ampliar sua fatia de mercado, ou uma análise mais aprofundada sobre políticas do Brasil para ampliação de sua participação no mercado de soja.

REFERÊNCIAS

ALVES, Larissa Nahirny. **Mercados De *Commodities***: o boom e a ascensão dos índices de *commodities* e das tradings na década de 2000. 2014. 33 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Econômicas, Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Cap. 4. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/1884/38250>. Acesso em: 11 nov. 2023.

BRASIL. Conab. Companhia Nacional de Abastecimento. **Com novo recorde, produção de grãos na safra 2022/23 chega a 322,8 milhões de toneladas**. 2023a. Disponível em: <https://www.Conab.gov.br/ultimas-noticias/5157-com-novo-recorde-producao-de-graos-na-safra-2022-23-chega-a-322-8-milhoes-de-toneladas#:~:text=Mercado%20%E2%80%93%20Os%20bons%20resultados%20da,milh%C3%B5es%20de%20toneladas%20do%20gr%C3%A3o..> Acesso em: 09 nov. 2023.

BRASIL. Conab. Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. **A Conab**. 2023b. Disponível em: <https://www.Conab.gov.br/institucional>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BRASIL. Embrapa. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Brasil pode superar a Índia em 2023 na produção de grãos**. 2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/73611968/brasil-pode-superar-a-india-em-2023-na-producao-de-graos#:~:text=toneladas%20em%202021.-,Estados%20Unidos%20e%20China%20s%C3%A3o%20os%20grandes%20l%C3%ADderes%20seguidos%20da,tornar%20o%20terceiro%20produtor%20mundial..> Acesso em: 08 nov. 2023.

BREDA, Diógenes Moura. **Revolução Científico-Técnica e Divisão Internacional do Trabalho: Elementos Para A Análise Da Dependência Tecnológica Na América Latina**. 2021. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/121219>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CAMPEÃO, Patrícia; SANCHES, Arthur Caldeira; MACIEL, Wilson Ravelli Elizeu. Mercado Internacional de *Commodities*: uma análise da participação do brasil no mercado mundial de soja entre 2008 e 2019. **Desenvolvimento em Questão**, [S.L.], v. 18, n. 51, p. 76-92, 24 abr. 2020. Editora Unijui. <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2020.51.76-92>. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/8963>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARLOTTO, Maria Caraméz; PINTO, José Paulo Guedes. A Divisão Internacional Do Trabalho No Século Xxi: Um Estudo Sobre O Peso Da Propriedade Intelectual Na Relação EUA - América Latina. **Carta Internacional**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 94, 15 dez. 2015. Associação Brasileira de Relações Internacionais - ABRI. DOI: 10.21530/ci.v10n3.2015.306. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/306>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CASTELLS, M. A Economia Informacional, A Nova Divisão Internacional Do Trabalho E O Projeto Socialista. Caderno CRH, [S. l.], v. 5, n. 17, 2007. DOI: 10.9771/ccrh.v5i17.18807. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18807>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CORREA, Arícia Ritter. **Commodities Agrícolas**. 2022. PET de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://ufsm.br/r-779-883>. Acesso em: 10 nov. 2023.

COUGHLIN, Alison. CME Group. **Why Brazil has Grown as a Soybean Producer**. Estados Unidos. 2020. Disponível em: <https://www.cmegroup.com/openmarkets/commodities/2020/16436-why-brazil-has-grown-as-a-soybean-producer.html>. Acesso em: 17 nov. 2023.

DA SILVA, F. M. (2022). Desenvolvimento E Interconectividade Do Mercado De *Commodities*: Gênese Do Conceito E Revisão Bibliográfica. **REGEN Revista De Gestão, Economia E Negócios**, 2(2), 1–19. Recuperado de <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/regen/article/view/6450>

DUARTE. R. M. Um estudo microeconômico sobre as principais *commodities* agrícolas no Brasil. 2022. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Finanças) - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69848>. Acesso em 11 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **Soybean: 2022 world production: 372,238 (1000 mt)**. 2022 World Production: 372,238 (1000 MT). 2023a. Disponível em: https://ipad.fas.usda.gov/cropexplorer/cropview/commodityView.aspx?cropid=2222000&sel_year=2022&rankby=Production. Acesso em: 10 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **About the U.S. Department of Agriculture**. 2023b. Disponível em: <https://www.usda.gov/our-agency/about-usda>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **Sobre o USDA Brasil**. 2023c. Disponível em: <https://usdabrazil.org.br/sobre-o-usda-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **Table 22: Brazil Soybeans and Products Supply and Distribution Local Marketing Years (Feb-Jan)**. 2023d. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **Table 16: World Soybeans and Products Supply and Distribution**. 2023e. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **Table 21: United States Soybeans and Products Supply and Distribution (Sep-Aug)**. 2023f. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ESTADOS UNIDOS. USDA. Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **Table 07: Soybeans: World Supply and Distribution**. 2023g. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FRANCO, Camila Aparecida Pereira. **A divisão internacional do trabalho a partir das cadeias globais de valor**. 2018. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Sp, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1090460>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LIMA JÚNIOR, E. B.; OLIVEIRA, G. S. ; SANTOS, A. C. O. ; SCHNEKENBERG, G. F. . ANÁLISE DOCUMENTAL COMO PERCURSO METODOLÓGICO NA PESQUISA QUALITATIVA. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, p. 36-51, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 13 nov. 2023.

OLIVEIRA, Allison Bezerra; SILVA, Daniely Lima. A indústria extrativista e o aprofundamento da divisão internacional do trabalho em regiões periféricas: o caso da suzano papel e celulose no maranhão. *Geosul*, Florianópolis, v. 34, n. 73, p. 313-332, 6 dez. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n73p313>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/1982-5153.2019v34n73p313/41804>. Acesso em: 5 nov. 2023.

OXFORDLANGUAGES. (2023). **Dicionário Oxford Languages** - Significado de "*commodities*". Fonte:

https://www.google.com/search?q=dicionario+google&sca_esv=582799658&sxsrf=AM9HkKkUr5TZXjO28kXJq73rVC-iP4MEkg%3A1700091227334&ei=W1VVZbaEFL305OUP78KMmA4&ved=0ahUKEwj2ncOtlceCAxU9OrkGHW8hA-MQ4dUDCBA&uact=5&oq=dicionario+google&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcnAiEWRpY2IvbmFyaW8gZ29vZ2xlMgUQABiABDIFEAAyGAAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIGEAAyFhgeMgYQABgWGB4yBhAAGBYHjIGEAAYFhgeMgYQABgWGB4yBhAAGBYHki_FVDRBViTFHACeAGQAQCYAYsBoAH_BqoBAzAuN7gBA8gBAPgBAcICChAAGEcY1gQYsAPCAgUQLhiABOIDBBgAIEGIBgGQBgg&sclient=gws-wiz-serp#dobs=commodity. Acesso em: 12 nov. 2023

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais e perspectivas em tempos de globalização. **Sociedade & Natureza**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 347-355, ago. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1982-45132010000200009>.

PROGRAIN (Canadá). **Understanding the basics of soybean closing prices**. 2023. Disponível em: <https://prograin.ca/ca/en/2023/11/01/understanding-soybean-closing-prices/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RODRIGUES, M. Por Que o Brasil Surfou na Onda Das *Commodities*? Entenda Porque as *Commodities* São Tão Importantes Para Países em Desenvolvimento. 2015. Disponível em: <https://exame.com/economia/por-que-o-brasil-surfou-na-onda-das-commodities>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SAFRAS E MERCADO (Brasil). **Como Formar O Preço Da Soja**. 2021. Disponível em: <https://safras.com.br/como-formar-o-preco-da-soja/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

STONEX (Brasil) (org.). **O que é Commodity?** 2022. Disponível em: <https://mercadosagricolas.com.br/inteligencia/o-que-sao-commodities/>. Acesso em: 11 nov. 2023.